

ACONSELHAMENTO DE CARREIRA NUMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA: UMA PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA A PRÁTICA A PARTIR DE REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

CAREER COUNSELING FROM A CONSTRUCTIONIST PERSPECTIVE:
A PROPOSAL FOR PRACTICE GUIDELINES BASED
ON INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

ASESORAMIENTO PARA LA CARRERA DESDE UNA PERSPECTIVA
CONSTRUCCIONISTA: UNA PROPUESTA DE GUÍA PRÁCTICA
BASADA EN UNA REVISIÓN INTEGRADORA

RESUMO: A Orientação Profissional e de Carreira (OPC) tem como desafios contemporâneos: enfrentar a flexibilização do trabalho, contextualizar teorias/práticas, incorporar novas epistemes, diversificar o público atendido e incluir a transformação social nas práticas, sendo os construcionismos uma possibilidade teórico/prática. Apesar desta potencialidade, a perspectiva construcionista em OPC é um projeto emergente ainda teórico e com poucas implicações práticas. Assim, buscando contribuir para a construção de uma perspectiva construcionista em OPC no Brasil, o artigo visou identificar e sintetizar as principais proposições práticas construcionistas da OPC já publicadas através de revisão integrativa de literatura e buscou elaborar uma proposta de diretrizes para uma prática construcionista em OPC baseada na síntese realizada. Apesar da carência de estudos, foi possível propor diretrizes para uma prática construcionista em OPC, exemplificando com recursos potenciais, em termos dos fundamentos teóricos, características do processo de intervenção e características da relação orientador/a-orientanda/o, contrastando com o existente na OPC.

Palavras-chave: orientação vocacional; construcionismo social; intervenção psicossocial.

ABSTRACT: The contemporary facing challenges Career Guidance and Counseling (CGC) are the work flexibilization, theoretical/practical contextualization, incorporating new epistemes, diversifying the public served and including social transformation in practices, with constructionism being a theoretical/practical possibility. Although this existing potentiality, the constructionist perspective in CGC is an emerging project still theoretical and with few practical implications. Thus, seeking to contribute to constructing a constructionist perspective on CGC in Brazil, the article aimed to identify and synthesize the main practical constructionist propositions of the CGC already published through an integrative literature review, and sought to construct guidelines for a constructionist practice in CGC based on this synthesis. Despite a lack of studies, it was possible to propose guidelines for a constructionist practice in CGC, exemplifying with potential resources, regarding theoretical groundings, characteristics of the intervention process, and characteristics of the practitioner-client relationship, in contrast to the existing CGC.

Keywords: career counseling; social constructionism; psychosocial intervention.

RESUMEN: Los retos contemporáneos de la Orientación y el Asesoramiento para la Carrera (OAC) son: afrontar la flexibilización del trabajo, contextualizar teorías/prácticas, incorporar nuevas epistemes, diversificar el público atendido e incluir la transformación social en las prácticas, siendo el construcionismo una posibilidad. La perspectiva construcionista en OAC es un proyecto emergente aún teórico y con pocas implicaciones prácticas. Así, buscando contribuir a la construcción de una perspectiva construcionista en OAC en Brasil, el artículo pretendió identificar y sintetizar las principales proposiciones prácticas construcionistas de la OAC ya publicadas basada en una revisión integradora, y buscó construir directrices para una práctica construcionista en OAC a partir de esta síntesis. A pesar de la falta de estudios, fue posible proponer directrices para una práctica construcionista en OAC, ejemplificando con recursos potenciales, con respecto a fundamentos teóricos, características del proceso de intervención y de la relación profesional-cliente a diferencia del OAC existente.

Palabras-claves: orientación profesional; construcionismo social; intervención psicossocial.

MARCELO
AFONSO RIBEIRO ¹

ANDRÉA KNABEM ¹

LUCIANA APARECIDA
BELIOMINI ¹

MARIA CELESTE
COUCEIRO GAMA
DE ALMEIDA¹

¹ Universidade de
São Paulo/SP, Brasil

Recebido em: 28/05/2023

Aprovado em: 30/10/2023

INTRODUÇÃO

A Orientação Profissional e de Carreira (OPC) é um campo interdisciplinar, basicamente formado pela psicologia, pedagogia, sociologia e administração. Essa Orientação surgiu como demanda social e do trabalho ao final do século XIX, em função da crescente especialização da organização do trabalho e da necessidade de ajustamento entre pessoas e trabalho para auxiliá-las a refletirem e planejarem seu futuro de trabalho, tendo proposto, desenvolvido e reconstruído suas práticas ao longo do século XX e no início de século XXI, baseado nas lógicas e práticas vigentes em cada momento sócio-histórico (Guichard, 2022).

De acordo com Savickas (2015), a OPC inicia-se como orientação vocacional buscando auxiliar as pessoas, principalmente jovens, em suas escolhas profissionais por meio de processos definitivos de ajustamento pessoa-trabalho com foco de intervenção psicológica, visando constituir perfis profissionais para o bom funcionamento do trabalho com um olhar psicologizante (e.g., enfoque traço-fator e tipológico). Em um segundo momento, a OPC torna-se, desenvolvimento vocacional e de carreira e orientação profissional, buscando ajudar pessoas, jovens, prioritariamente, em seus processos de desenvolvimento vocacional, posteriormente, de desenvolvimento de carreira por meio de processos de maturação, aprendizagem e adaptação, mas concebendo o seu desenvolvimento, ou seja, as escolhas profissionais tendem a mudar ao longo do tempo. Além disso, a Orientação busca incluir o contexto em suas teorias e práticas, evitando o olhar psicologizante, ampliando a ajuda para pessoas de todas as idades (e.g. enfoque desenvolvimentista e socio-cognitivo, que preconizam a capacidade adaptativa e de agência das pessoas para o desenvolvimento de suas carreiras). E, finalmente, já no século XXI, se transforma em enfoques narrativos, almejando auxiliar as pessoas na construção de seus projetos de vida de trabalho por meio de processos de construção, desconstrução e reconstrução narrativa sempre em coconstrução, assumindo a dimensão relacional primordial para fundamentar as intervenções em OPC. Ademais, toma as narrativas como eixos para a construção de si no mundo, sendo de base contextualista, ou seja, busca compreender a construção da carreira analisando a pessoa em relação ao contexto (e.g. *life design* e enfoque sistêmico). Este é o caminho do *mainstream* da OPC, proposta por autoras/es de países desenvolvidos, visando atender as configurações e demandas heterogêneas, flexíveis, individualizantes do mundo educacional e do trabalho contemporâneo (International Labour Organization [ILO], 2023).

Apesar da crença em conseguir atender estas demandas, há propostas teóricas e práticas que questionam este movimento (e.g., Bock, 2010; Bohoslavsky, 1983; Duffy, Blustein, Diemer, & Autin, 2016; Hooley, Sultana, & Thomsen, 2021; Rascován, 2013) e colocam que a OPC sempre foi elitista ao assistir apenas parte da sociedade, basicamente, jovens de classe média e alta em suas escolhas profissionais, universitárias/os em crise e profissionais em transição de carreira. Além disso, são propostas concebidas para contextos de países desenvolvidos, determinados pela construção das carreiras via trabalho formal e por maior oportunidade de escolarização e formação superior. Este panorama é distinto da maioria dos países em desenvolvimento, em geral com um menor índice de escolarização, principalmente universitária, mercados de trabalho caracterizados pela informalidade, precarização e trajetórias de trabalho descontínuas, intercalando vínculos formais e informais com períodos de desocupação; em geral, sem proteção social e suporte do Estado e de possibilidade de escolhas autônomas e reconhecimento social (Guimarães, Brito, & Comin, 2020). O Brasil é um país em desenvolvimento com uma parcela

aproximada de 15% da população com condições semelhantes aos países desenvolvidos (ILO, 2023), sendo que a OPC brasileira tem classicamente atendido esta parcela menor da população com mais condições e suportes sociais, via estratégias de adaptação da pessoa ao contexto, buscando a melhor possibilidade existente para cada um/a, o que vem dificultando ajudar pessoas com menor suporte social e condição de serem autônomas (Ambiel, Campos, & Campos, 2017).

Dentre as propostas críticas, podemos citar a *Psychology of Working Theory* (PWT) (Duffy et al., 2016), o movimento da orientação profissional e justiça social (Hooley et al., 2021) e a OPC latino-americana crítica (Bock, 2010; Bohoslavsky, 1983; Rascován, 2013), que indicam que o *mainstream* da OPC, apesar de todos os avanços descritos, ainda teria um compromisso de adaptar pessoas à realidade, sem projetos de mudanças destas realidades, o que seria opressor para grande parte das populações que almejam melhores condições de vida e trabalho, e necessitam mudanças concretas para que isso aconteça, o que é predominante na realidade brasileira, mas também no contexto latino-americano como um todo (ILO, 2023).

Inspirados em Duffy et al. (2016), Guichard (2022) e Hooley et al. (2021), os principais desafios contemporâneos da OPC são: (a) enfrentar a flexibilização, individualização e precarização do mundo do trabalho e das carreiras para atender às atuais demandas de trabalho de forma socialmente justa; (b) contextualizar as teorias e práticas; (c) incorporar novas epistemes em sintonia com os avanços das ciências; (d) ampliar e diversificar o público atendido; (e) introduzir a interseccionalidade de classe social, raça/etnia e gênero/sexualidade nas teorias e práticas em OPC; (f) consolidar projetos de transformação social em suas práticas, e (g) colocar a justiça social como princípio motor da OPC.

Segundo Greene (1990), dentre várias posturas epistemológicas distintas para enfrentar os desafios do século XXI, podemos citar o pós-positivismo, as teorias críticas, os interpretativismos (construtivismos e construcionismos). De maneira breve, a primeira proposta objetiva compreender o mundo sem propor sua modificação e a terceira proposta visa denunciar desigualdades e injustiças sociais e propor mudanças estruturais radicais, com pressupostos predefinidos teoricamente. O construcionismo social não se constitui em um sistema teórico homogêneo — por isso o nomeamos como perspectiva —, mas, antes, em um projeto heterogêneo de construção de propostas teórico-práticas que julgamos potencialmente capaz de lidar com os desafios contemporâneos, como é o caso da OPC.

Inspirados em Gergen (1985, 2020) e McNamee (2010, 2012), podemos definir a perspectiva construcionista como a compreensão da realidade como relacional e a produção do conhecimento como produto e produção destas relações psicossociais. Para McNamee (2010), “[n]ão há presunção de que o mundo exista além de nossa relação com ele” (p. 14), sendo por isso que “a ontologia construcionista propõe que nossos mundos são criados pelo que fazemos juntos” (p. 14). A *epistemologia é intersubjetivista* na qual o conhecimento é produzido nas relações e resultantes delas. As *metodologias e práticas são dialógicas e transformativas* nas quais tanto a compreensão, quanto a intervenção da e na realidade são coconstruídas e negociadas na própria relação psicossocial entre todas/os as/os envolvidas/os.

Neste sentido, construir uma perspectiva construcionista em OPC atenderia diretamente um dos principais desafios contemporâneos deste campo de incorporação das novas epistemes; e, potencialmente, permitiria à OPC, de forma indireta, atender a outros destes desafios ao ampliar o compromisso com a justiça social pela contextualização das teorias e práticas, pela inclusão da interseccionalidade, pela ampliação e diversificação do público atendido e pela busca de projetos

de transformação social em suas práticas, como sintetizaram Duffy et al. (2016), Guichard (2022) e Hooley et al. (2021).

No campo da OPC, os construcionismos são base para conceituação e prática desde os anos 1990, sendo o número especial do *Journal of Vocational Behavior* (Young & Collin, 2004), o artigo de Blustein, Schultheiss e Flum (2004), a proposta do *Life Design* (Savickas et al., 2009) e o livro de McIlveen e Schultheiss (2012), as primeiras incursões mais sistemáticas das perspectivas construcionistas neste campo. McIlveen e Schultheiss (2012) descreveram seis enfoques baseados no construcionismo: narrativo, relacional, sistêmico, cultural, *life design* e contextualista da ação, que visavam atender às demandas contemporâneas, mas de formas distintas. Por um lado, tinham a construção relacional como eixo fundante, mas, por outro lado, eram muito distintos entre si em termos conceituais e das práticas propostas.

Apesar deste movimento completar 30 anos, as perspectivas construcionistas ainda são um projeto emergente na OPC, como indicam as revisões de literatura, tanto no contexto internacional (Kang, Kim, & Trusty, 2017), quanto no nacional (Ambiel et al., 2017). Kang et al. (2017) indicam uma lacuna importante a ser vencida: “superar o desafio de que o aconselhamento de carreira construcionista é muito abstrato para orientar a prática e, mais importante ainda, para melhor atender às necessidades da/o cliente” (p. 86), reflexão corroborada por McMahon (2018) e Stead e Subich (2017).

No campo construcionista, as práticas estão bem desenvolvidas em áreas como psicoterapias, intervenções educacionais, comunitárias e de saúde, como aponta Gergen (2020). Ao descrever as contribuições práticas do construcionismo proposto por Gergen, McNamee (2012) faz uma síntese apontando que estas práticas “(1) centralizam processos relacionais que, por sua vez, geram a expansão de (2) práticas colaborativas e participativas que adotam visões de mundo alternativas por meio de uma (3) postura reflexiva” (p. 150). O próprio Gergen (2020) diz que as principais contribuições práticas construcionistas são dar voz e autoridade às pessoas atendidas como produtoras de conhecimento e de seu próprio futuro (liberação da autoridade), buscar verdades possíveis construídas nos contextos relacionais (inclusão e energização de inovação), assumir os valores envolvidos nas relações e não os neutralizar (valores em ação), revigorar as ferramentas conceituais, e questionar os determinismos, buscando enfrentá-los, relacionalmente, a fim de gerar mudanças (retorno do otimismo).

Aproximando Gergen (2020) de Michael White (Gergen & Warhuss, 2001), podemos definir as práticas construcionistas como práticas narrativas que visam a “construção das histórias alternativas que vêm substituir as histórias dominantes saturadas de problemas” em um “processo de busca de novos significados, numa ação colaborativa” (Grandesso, 2011, p. 107), produtor de perspectivas, não de certezas, de forma crítica ao instituído. As práticas questionam os discursos dominantes de nossa cultura, que naturalizam modelos de identidades e relações com o mundo, produzindo linguagens e narrativas dominantes aceitas como verdades.

Assim, buscando contribuir na construção de uma perspectiva construcionista em OPC no Brasil, este artigo tem duplo objetivo. Primeiramente, a partir de revisão integrativa de literatura, visa identificar e sintetizar as principais proposições práticas construcionistas da OPC já publicadas através de bases de dados nacionais e internacionais; e, em segundo lugar, pretende elaborar uma proposta de diretrizes para uma prática construcionista em OPC com base na síntese da revisão integrativa de literatura realizada.

Este estudo se justifica por três motivos principais. Em primeiro lugar, a perspectiva construcionista em OPC é um projeto emergente ainda teórico e com poucas implicações práticas. Em segundo lugar, não há sistematizações da literatura focadas nas propostas práticas ou reflexões sobre as práticas em OPC, apesar de Kaliris e Issari (2022), Kang et al. (2017), McMahon (2018) e Stead e Subich (2017) apontarem a importância deste projeto teórico-prático. E, por último, as perspectivas construcionistas estão mais desenvolvidas no Brasil nas psicoterapias e nos aconselhamentos, sendo necessário incluir a OPC, como um dos possíveis campos do aconselhamento, neste grupo de produções construcionistas brasileiras. Nosso propósito, portanto, não é criar um manual de referências técnicas para uma OPC construcionista, mas, antes, propor uma organização das principais diretrizes para uma prática de OPC numa perspectiva construcionista com base na literatura existente. Discutimos, assim, o seguinte problema de pesquisa: quais são as características centrais que definem uma prática construcionista em OPC em termos de fundamentos teóricos, processo de intervenção e relações entre orientador/a-orientanda/o, como se diferenciam da OPC existente, e se (e como) conseguem enfrentar os desafios contemporâneos demandados para a OPC?

MÉTODO

Caracterizamos o estudo como exploratório e descritivo que, por meio de revisão integrativa de literatura (método que busca sintetizar de forma sistemática e abrangente achados de pesquisas sobre dado tema ou questão, constituindo um corpo de conhecimento, cf. Whittemore & Knafl, 2005), objetivamos identificar e sintetizar práticas construcionistas no campo da OPC, além de elaborar uma proposta de diretrizes para práticas em OPC com base na síntese feita. Para tal, consultamos as seguintes bases de dados: (a) Nacional — Pepsic, Scielo, Banco de Teses CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Banco de Teses USP (Universidade de São Paulo); e (b) Internacional — Scopus, Web of Science e Redalyc, onde há amostra significativa da produção científica da OPC.

Utilizamos como descritores (constando nas palavras-chave, título ou resumo), *orientação profissional/orientação vocacional; aconselhamento de carreira/orientação de carreira; construcionismo social; construcionista* e seus respectivos correlatos em língua inglesa (*career guidance, career counseling, social constructionism, constructionist*) e em língua espanhola (*orientación profesional/orientación para la carrera, asesoramiento profesional/asesoramiento para la carrera, construccinismo social, construccinista*), conforme glossário proposto pela International Association for Educational and Vocational Guidance (IAEVG, 2001). Escolhemos estes descritores que diretamente se relacionavam aos nossos objetivos e refinamos a pesquisa, tendo como critério de seleção as publicações que mencionassem o construcionismo como base teórica e conceitual, articulassem construcionismo e OPC, além de apresentar sistematizações de propostas práticas ou reflexões sobre as práticas em OPC. Não definimos nenhum período específico de busca e incluímos todas as publicações encontradas, visto que constatamos a pouca produção sobre a temática.

Procedimentos e análise

Na Etapa 1, consultamos as bases de dados nacionais e internacionais e identificamos artigos que atendiam aos parâmetros estabelecidos na pesquisa (descritores e critérios de seleção das publicações), organizando e apresentando os dados sistematizados em termos de número e ano das publicações. Na Etapa 2, fizemos o levantamento, a sistematização e a análise das propostas práticas ou reflexões sobre as práticas em OPC publicadas nacional e internacionalmente, em relação às seguintes dimensões de análise: caracterização do estudo realizado (ensaios teóricos ou pesquisas de campo), fundamentos teóricos (perspectiva construcionista indicada e autores/as utilizados/as), característica da prática proposta/discutida (processo de intervenção e relação orientador/a-orientando/a) e público estudado na pesquisa. Na Etapa 3, destacamos e sintetizamos potenciais contribuições existentes na literatura para práticas de OPC fundamentadas nas perspectivas construcionistas. E, na Etapa 4, propusemos diretrizes de atendimento em OPC a partir da síntese feita.

A análise visou discutir possibilidades de um aconselhamento de carreira numa perspectiva construcionista a partir de revisão integrativa de literatura realizada, sistematizando uma proposta de diretrizes para a prática de forma comentada e exemplificando com recursos potenciais, indicando as principais diferenças, em termos práticos, de uma perspectiva construcionista em relação aos modelos existentes na OPC. Os resultados foram apresentados e discutidos com base em três dimensões: fundamentos teóricos, processo de intervenção, e relações entre orientador/a-orientanda/o. Além disso, analisamos se e de que maneira uma perspectiva construcionista conseguiria enfrentar os desafios contemporâneos endereçados à OPC apontados na Introdução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazemos os resultados em três partes. Na primeira, apresentamos as sistematizações dos dados relativos às dimensões de análise anteriormente propostas. Na segunda parte, realizamos uma análise de conteúdo das principais propostas práticas construcionistas em OPC, sintetizando os principais princípios, os fundamentos teóricos e as práticas. E, na terceira parte, apresentamos uma proposta de diretrizes para uma prática em OPC fundamentada nas perspectivas construcionistas, de forma comentada e exemplificando com recursos potenciais, indicando as principais diferenças, em termos práticos, de uma perspectiva construcionista em relação aos modelos existentes na OPC.

Sistematização dos dados relativos às dimensões de análise

O primeiro estudo que articula OPC e construcionismo e tem reflexões ou propostas práticas nas bases de dados estudadas foi publicado por Constantine e Erickson (1998), mas as pesquisas somente se ampliaram a partir de 2011 com 61,11% das publicações acontecendo neste período. A consulta às bases de dados internacionais apontou uma quantidade importante de publicações relacionando OPC e construcionismo (n=349), mas com uma proporção pequena de estudos que incluíam reflexões ou propostas práticas (n=12), representando 3,43% somadas as duas bases de

dados pesquisadas (Scopus e Web of Science). Enquanto as bases de dados nacionais e latino-americanas mostraram a quase inexistência de publicações relacionando OPC e construcionismo (n=5 no Pepsic e n=1 no Redalyc) e nenhuma publicação no Scielo, no Banco de Teses USP e no Banco de Teses CAPES, sendo a maioria de discussões teórico-práticas sem pesquisa empírica. Assim, foram selecionados 18 estudos para análise (Tabela 1). Estes resultados corroboram as reflexões e achados de Kaliris e Issari (2022), Kang et al. (2017), McMahan (2018) e Stead e Subich (2017) em relação à lacuna de estudos sobre práticas construcionistas em OPC.

Tabela 1 - Publicações sobre OPC e construcionismo com propostas e/ou reflexões práticas

Estudos	Caracterização do estudo realizado	Nomeação da Perspectiva construcionista	Autores/as de base	Fundamentos teóricos	Práticas e recursos propostos	Público estudado na pesquisa de campo
Constantine e Erickson (1998)	Estudo de caso	Peavy's sociodynamic counselling	Kenneth Gergen Construcionismo Social	Self narrativo Relação constituída pela linguagem	Cliente como expert de suas vidas Construção partilhada da agência Diálogo intercultural	Adultas/os sem formação superior
McLeod (1999)	Estudo teórico	Narrative social constructionist approach	Kenneth Gergen Construcionismo Social	Self narrativo Relação constituída pela linguagem	Empatia terapêutica	-
Campbell e Ungar (2004a)	Estudo teórico	Social constructionist career counseling	Dan McAdams Psicologia Narrativa	Self narrativo Experiência humana é relacional Narrativa e reflexão constroem a vida	Processo de criação e reformulação de histórias Nomeação das experiências de vida e da desconstrução crítica das vozes externas	-
Campbell e Ungar (2004b)	Estudos de caso	Social constructionist career counseling	Kenneth Gergen Construcionismo Social	Self narrativo Experiência humana é relacional	-	-
Medina (2004)	Pesquisa de campo	Enfoque sistémico construcionista	-	Self narrativo Vida como sistema	Construção de enunciados cognitivos Genograma Distorções semânticas na construção de realidades	Adultas/os com formação superior e jovens
McIlveen e Patton (2007)	Estudo teórico	Narrative career counseling	Dan McAdams Psicologia Narrativa	Teoria Narrativa Linguagem como central Construção e desconstrução de narrativas	Autobiografias Colagens Linhas da vida Temas de vida Entrevista de sistemas de carreira	Psicólogas/os

Estudos	Caracterização do estudo realizado	Nomeação da Perspectiva construcionista	Autores/as de base	Fundamentos teóricos	Práticas e recursos propostos	Público estudado na pesquisa de campo
Savickas et al. (2009)	Estudo teórico	Life Design	Dan McAdams Psicologia Narrativa	Teoria Narrativa Linguagem como central Construção e desconstrução de narrativas Realidades narrativas	Aliança de trabalho Minha Estória de Carreira Diálogos Life Design	-
Souza e Scorsolini-Comin (2011)	Estudo teórico	Aconselhamento de carreira construcionista social	Kenneth Gergen Construcionismo Social	Self narrativo Construção relacional Relação constituída pela linguagem	Foco no processo Múltiplas vozes em interação Parceria colaborativa Coconstrução narrativa Conversas dialógicas	-
Richardson (2012a)	Estudo teórico	Counseling for work and relationship	Kenneth Gergen Construcionismo Social	Teoria Narrativa Linguagem como central Construção e desconstrução de narrativas	Construção partilhada da agência Diálogo reflexivo com sua subjetividade Processamento reflexivo da experiência Ciclo de feedbacks da experiência	-
Richardson (2012b)	Estudo teórico	Counseling for work and relationship	Kenneth Gergen Construcionismo Social	Compreensão narrativa da identidade Linguagem como central	Construção partilhada da agência	-
Ribeiro (2013)	Estudo teórico	Aconselhamento de carreira construcionista social	Kenneth Gergen Construcionismo Social	Self narrativo Realidade relacional	-	-
Frabetti et al. (2015)	Pesquisa de campo	Práticas narrativas	Michael White Práticas Narrativas	Compreensão narrativa da identidade Construção e desconstrução de narrativas Desconstrução dos estereótipos	Práticas narrativas Árvore da Vida Mapa das Redes Externalização Processos Reflexivos Questionamentos reflexivos	Adultas/os com formação superior

Estudos	Caracterização do estudo realizado	Nomeação da Perspectiva construcionista	Autores/as de base	Fundamentos teóricos	Práticas e recursos propostos	Público estudado na pesquisa de campo
Kang et al. (2017)	Pesquisa de campo	Social constructionist career counseling		Linguagem como central Compreensão narrativa da identidade	-	Experts em aconselhamento de carreira
McMahon (2018)	Estudo teórico	Narrative career counseling	Michael White Práticas Narrativas	Narrativa como forma básica de significação da experiência humana Compreensão narrativa da identidade	Práticas narrativas Cliente como expert de suas vidas Contar histórias Parceria conversacional Construção partilhada da agência	-
Ribeiro (2018)	Estudo teórico	Aconselhamento de carreira construcionista social	Bruno Latour	Realidades narrativas Hibridismo Intercultural	Diálogo intercultural	-
Chant (2020)	Estudos de caso	Social constructionist career counseling	Dan McDams Psicologia Narrativa	Construção e desconstrução de narrativas Produção de significados	Narrativa autobiográfica Narrativas pictóricas Minha História de Carreira Colagens	Adultas/os sem formação superior
Acuna (2021)	Estudo de caso	Orientação vocacional construcionista	Michael White Práticas Narrativas	Linguagem como central Compreensão narrativa da identidade	Práticas narrativas Processos Reflexivos Questionamentos reflexivos	Jovem de curso pré-vestibular
Ambiel (2021)	Estudos de caso	Narrative career counseling	Dan McDams Psicologia Narrativa	Construção e desconstrução de narrativas Produção de significados	Intervenções narrativas baseadas em resultados de inventários de interesse	Adulto/a com formação superior e jovem no ensino médio

Nota: OPC=Orientação Profissional e de Carreira.

Com relação à *perspectiva construcionista indicada*, as principais nomeações propostas pelos/as próprios/as autores/as foram de aconselhamento de carreira ou orientação vocacional construcionista (38,89%) e de aconselhamento de carreira narrativo ou práticas narrativas (27,78%). Com relação à *caracterização do estudo realizado*, há um predomínio de estudos teóricos (55,55%), seguido de estudos de caso (27,78%) e pesquisas de campo (16,67%), confirmando a pouca expressão de estudos de campo de validação e sistematização de práticas, como indicaram Kaliris e Issari (2022) e Kang et al. (2017). Com relação ao *público estudado nas pesquisas de campo* e nos *estudos de caso*, há uma heterogeneidade, incluindo adultas/os com

e sem formação superior e jovens do ensino médio. Em termos de fundamentação teórica, os *principais autores/as de base* mencionados/as foram Kenneth Gergen (44,44%), Dan McAdams (27,77%) e Michael White (16,66%), respectivamente, construcionismo social, psicologia narrativa e práticas narrativas. Os principais *fundamentos teóricos* que embasaram os trabalhos analisados foram self narrativo, linguagem como central para compreensão e construção da vida, construção e desconstrução de narrativas e realidade relacional. E, com relação às *práticas e recursos* foram mencionadas muitas possibilidades, com destaque para construção partilhada da agência, conversas dialógicas, processos e questionamentos reflexivos, diálogo intercultural e práticas narrativas.

Com alguma variação, as propostas descritas na Tabela 1 estão, em geral, em sintonia com a síntese proposta por McNamee (2012) de que as práticas fundamentadas no construcionismo proposto por Gergen utilizam recursos geradores de processos relacionais, que propiciam a construção de práticas colaborativas e participativas e fomentam a elaborações de visões de mundo alternativas através de uma postura reflexiva. Esta síntese se mostra diferenciada da tradição da OPC, marcada pela relação de autoridade do/a orientador/a, atuando de forma mais diretiva e pautada no objetivo de encontrar o melhor trabalho existente para o/a orientando/a, sem questionamento da realidade dominante, mas, antes, buscando criar condições para uma adaptação ao mundo dado (Savickas, 2015).

Sistematização das principais propostas e/ou reflexões práticas em OPC

Como salientado, as proposições práticas do construcionismo social têm aumentado ao longo dos anos em várias áreas de atuação tanto no contexto internacional (Gergen, 2020), quanto nacional (Fernandes & Nascimento, 2019). No entanto, o campo da OPC parece não acompanhar este movimento e ainda apresenta poucas contribuições nesse sentido (Stead & Subich, 2017). Apesar da pequena produção, há qualidade e profundidade nas contribuições existentes na literatura que refletem ou propõem práticas construcionistas em OPC. Assim, identificamos as propostas recorrentes e as sistematizamos, visando elaborar uma proposta de diretrizes para uma OPC construcionista, sem propor uma prática específica.

Apoiados na construção relacional da realidade e do self narrativo, as/os autoras/es apontam que a base compreensiva é psicossocial base compreensiva é psicossocial (Campbell & Ungar, 2004a; Ribeiro, 2013, 2018) e a OPC deve ser uma intervenção subjetiva e objetiva, gerando tanto mudanças narrativas, quanto reposicionamento social, ou seja, deve buscar transformar pessoas e contextos de maneira conjunta, pois somente assim um trabalho de aconselhamento seria efetivo (Campbell & Ungar, 2004a; Constantine & Erickson, 1998; Richardson, 2012a). Esta postura é distinta da tradição da OPC, mais focada na pessoa, e buscando a adaptação ao existente (Savickas, 2015). Para tal, propõem diálogos interculturais (Constantine & Erickson, 1998), conversas dialógicas (Souza & Scorsolini-Comin, 2011) e construção compartilhada da agência (Acuna, 2021; McMahan, 2018; Richardson, 2012a, 2021b) que são recursos caracterizados pelo questionamento das verdades e da coconstrução de alternativas pela ampliação da reflexividade e da inclusão de múltiplas vozes neste processo (Campbell & Ungar, 2004a; Frabetti et al., 2015). Assim, a OPC deveria alternar construções sociais da realidade com conversas clínicas, promovendo a articulação entre concepções individualizadas e concepções socioculturais dominantes, questionando as narrativas dominantes de nossa cultura (Campbell & Ungar, 2004a).

A construção narrativa (Richardson, 2012a) ou as práticas narrativas (Acuna, 2021; Frabetti et al., 2015; McMahon, 2018) são as estratégias primordiais, pois seriam o princípio organizador da vida humana que liga a linguagem aos processos psicológicos (Savickas et al., 2009). “As pessoas moldam suas identidades através da construção de narrativas sobre suas experiências” (Kang et al., 2017, p. 80). A narrativa constrói, desconstrói e reconstrói a identidade (Ribeiro, 2013, 2018; McMahon, 2018; Medina, 2004; Savickas et al., 2009; Souza & Scorsolini-Comin, 2011). Em termos práticos, o/a orientando/a compreende narrativamente sua identidade como processual, questionando seu lugar no mundo e o sentido que atribui a si e pode, desta maneira, reconstruir sua identidade pelas práticas narrativas (McMahon, 2018). Outro ponto distinto da tradição da OPC mais focado na personalidade e nas características individuais como base para a construção da vida (Savickas, 2015).

Para Savickas et al. (2009), os três principais processos para a OPC seriam contar histórias, produzir significados e construir a identidade. A ênfase é na linguagem — pois as pessoas pensam por meio desta — que limita ou potencializa seus processos de construção de significados. Para tal, são utilizados recursos como as práticas narrativas (McMahon, 2018), temas de vida (McIlveen & Patton, 2007) e diálogos *life design* (Savickas et al., 2019). Assim, a conscientização sobre a linguagem e as histórias dominantes é fundamental (Ribeiro, 2018; Campbell & Ungar, 2004a) e a OPC deve auxiliar a pessoa a compreender a narrativa dominante e a construir narrativas alternativas contextualizadas, em um processo de busca de novos significados através de ação dialógica e colaborativa entre orientador/a- orientando/a, colocando a história dominante em xeque, visando naturalizar modelos de identidades e relações com o mundo (Frabetti et al. 2015).

É por isso que o foco da OPC deve ser na relação em contexto — dando voz a todas/os as/os envolvidas/os (McIlveen & Patton, 2007; McMahon, 2018; Savickas et al., 2009) numa polivocalidade através da qual “diferentes vozes são convidadas a participar, especialmente as vozes que reconhecem potencialidades e qualidades do cliente” (Souza & Scorsolini-Comin, 2011, p. 56). A importância da construção partilhada da agência é central (Constantine & Erickson, 1998; McIlveen & Patton, 2007; McMahon, 2018; Richardson, 2012a, 2012b), porque os significados são construídos através de interações entre as pessoas e seus contextos sociais (Kang et al., 2017). O recurso dos ciclos de *feedbacks* da experiência (Richardson, 2012a) propõe uma série de conversas dialógicas entre o/a orientando/a e pessoas significativas de sua vida e de seu contexto sociocultural, mediadas pelo/a orientador/a, através das quais ele/a irá compartilhar suas experiências e compreender os significados atribuídos por cada pessoa significativa, visando construir relacionalmente seus significados de vida e poder refletir e reconstruí-los na relação de OPC, bem como afetar os/as outros/as neste processo, podendo, potencialmente, gerar mudanças socioculturais também.

Daí decorre a importância da construção intercultural e dialógica para a construção do futuro (Richardson, 2012a), potencialmente capazes de questionar os discursos dominantes que produzem significados hegemônicos tomados como verdades inquestionáveis que servem de guia para a vida das pessoas (Constantine & Erickson, 1998; Richardson, 2012b). “Nessa perspectiva, o profissional não é um especialista do conteúdo, tendo teorias *a priori* do que é bom ou ruim para as pessoas, seu objetivo é a criação de um espaço dialógico” (Souza & Scorsolini-Comin, 2011, p. 54), atuando como facilitadoras/es ou coautoras/es no processo (Kang et al., 2017): concepção de que a experiência da e sobre a realidade se constrói com outras pessoas e o conhecimento resultante deve ser valorizado.

Com base neste princípio prático, orientandas/os são consideradas/os experts na construção de seu futuro de trabalho, juntamente com o contexto em que estão inseridas/os e se relacionam (Constantine & Erickson, 1998; Kang et al., 2017; McMahon, 2018), como especialistas sobre si mesmas/os (Souza & Scorsolini-Comin, 2011) que, em relação com as/os orientadoras/es e com a sua comunidade relacional de origem, são capazes de produzir a construção do seu futuro. Para Savickas et al. (2009), a OPC deveria transitar da prescrição ao processo, da causalidade linear à dinâmica não-linear, de fatos científicos a realidades narrativas e da descrição à construção, ou seja, da tradição da OPC de ser diretiva, prescritiva e psicologizante para a proposta construcionista de ser dialógica, processual e relacional.

Em síntese, com foco no processo e na construção relacional (Ribeiro, 2018; Kang et al., 2017; Richardson, 2012b), as principais características da OPC construcionista seriam: (a) auxiliar no processo de construção, desconstrução e reconstrução narrativa que gera processos de construção, desconstrução e reconstrução identitária; (b) compreender a linguagem e os significados produzidos pela/o orientanda/o nas relações por ela/e estabelecidas de maneira polivocal; (c) auxiliar na nomeação das experiências de vida e da desconstrução crítica das vozes externas; (d) produzir um diálogo intercultural e um espaço dialógico de construção de si, do mundo e do futuro; (e) potencializar a capacidade de agência pela conscientização das possibilidades e limites de vida e de futuro, visando construir projetos (foco na ação e nas potencialidades); e (f) ser capaz de gerar tanto mudanças narrativas, quanto reposicionamento social. Como fazer tudo isso? Oferecendo recursos que possibilitem a reconstrução narrativa e identitária por meio de diálogos interculturais ou conversas dialógicas através dos quais a história dominante geradora de narrativas saturadas possa ser questionada e alternativas narrativas possam ser coconstruídas de maneira relacional como preconizam o recurso das distorções semânticas na construção de realidades (Medina, 2004) e dos questionamentos reflexivos (Frabetti et al., 2015).

Proposta de diretrizes para uma prática construcionista em OPC

Iremos utilizar o método de sistematização de práticas elaborado por Kang et al. (2017) para propor diretrizes para uma prática em OPC construcionista, que busca desenhar um quadro referencial e organizativo, não visando desenvolver um manual de aconselhamento específico, mas estruturando denominadores comuns das perspectivas descritas na revisão de literatura capazes de serem base para a construção de práticas construcionistas em OPC. O método preconiza três fundamentos para práticas: (1) Fundamentos teóricos; (2) Características do processo de intervenção (objetivos, processo e recursos); e (3) Características da relação orientador/a-orientanda/o. Apresentamos, a seguir, aquilo que a revisão de literatura indicou como central para uma perspectiva construcionista em OPC em formato de cartilha com diretrizes para prática. Torres, Candido, Alexandre e Pereira (2009) definem que uma cartilha é um material informativo que busca apresentar de forma didática, sintética e panorâmica um dado conteúdo preciso sobre o que deve ser informado a respeito de um produto ou serviço (no nosso caso, uma prática em OPC), funcionando como guia e orientação, sem objetivo de regulação ou referência técnica, mas de organização e suporte teórico-técnico para dada prática. Assim, a apresentação das diretrizes para uma prática construcionista em OPC a seguir visou responder, em formato de cartilha, a primeira parte da questão de pesquisa:

quais são as características centrais que definem uma prática construcionista em OPC em termos de fundamentos teóricos, processo de intervenção, e relações entre orientador/a-orientanda/o?

1. Fundamentos teóricos, incluindo concepção de ser humano

- A base compreensiva é psicossocial e relacional, na qual realidade e pessoas se coconstruem mutuamente em relação.
- Conhecimentos e práticas são relacionalmente coconstruídos nas ações cotidianas.
- O princípio organizador da vida é a construção narrativa que liga a linguagem aos processos psicológicos construindo, desconstruindo e reconstruindo a identidade.
- Linguagem produz a realidade pela produção de significados.

2a. Objetivos do processo de intervenção

- Auxiliar no processo de construção, desconstrução e reconstrução narrativa que gera processos de construção, desconstrução e reconstrução identitária.
- Auxiliar na nomeação das experiências de vida e na desconstrução crítica das vozes externas buscando verdades possíveis construídas em relação pela compreensão da narrativa dominante e da coconstrução de novas narrativas contextualizadas.
- Auxiliar na construção da consciência crítica, ou seja, auxiliar a/o orientanda/o a compreender seu lugar nas relações sociais de poder e coconstruir alternativas possíveis de mudança por meio da construção de projetos de vida de trabalho.
- Ser capaz de gerar tanto mudanças narrativas, quanto reposicionamento social, buscando transformar pessoas e contextos de maneira conjunta a fim de ser efetiva (quando possível, pois a mudança social não depende somente da relação da OPC, mas de poder estendê-la para o contexto da/o orientanda/o, como propõe o recurso dos ciclos de *feedbacks* da experiência descrito anteriormente).

2b. Características do processo de intervenção

- OPC como processo intercultural e dialógico sucessivo de coconstrução pelo contar histórias, produzir significados e construir, desconstruir e reconstruir identidade.

2c. Recursos do processo de intervenção

- Coconstrução narrativa como a estratégia primordial, na qual a/o orientanda/o compreende narrativamente sua identidade como processual, questionando seu lugar no mundo e o sentido que atribui a si e pode, desta maneira, reconstruir sua identidade pelas práticas narrativas.

- Produção de conhecimento situado pelo diálogo intercultural, por meio de recursos como conversas dialógicas e construção compartilhada da agência caracterizados pelo questionamento das verdades e da coconstrução de alternativas pela ampliação da reflexividade e da inclusão de múltiplas vozes neste processo.
- Construção de planos de ação de maneira colaborativa com sua comunidade relacional, constituindo-se em um recurso através do qual a/o orientanda/o aciona sua rede de contatos significativa e produz em colaboração seu plano de ação futuro.

3. Relação orientador/a-orientanda/o

- Focada na relação em contexto, dando voz a todas/os as/os envolvidas/os (ênfase polivocal): a OPC deve se basear nas referências das/os orientandas/os (narrativas pessoais), reconstruí-las por meio das intervenções da/o orientador/a (representante das narrativas dominantes) e coconstruí-las na relação entre ambas/os.
- Relação dialógica e intercultural como facilitadora e suporte para a articulação da/o orientanda/o com realidades e contextos em que coconstruirá seu futuro de trabalho, buscando compreender a linguagem e os significados produzidos pela/o orientanda/o nas relações por ela/e estabelecidas de maneira polivocal, pois a experiência da realidade é construída na relação com as/os outras/os, valorizando tanto o conhecimento da/o orientanda/o, quanto da/o orientador/a e do conhecimento produzido no diálogo realizado.
- Focada no significado, na relação, na ação, no processo e nas potencialidades.
- Questionadora dos determinismos, buscando enfrentá-los relacionalmente a fim de gerar mudanças, potencializando a capacidade de agência pela construção da consciência crítica das possibilidades e limites de vida e de futuro.
- Orientador/a atuando como intermediária/o, facilitador/a e coautor/a no processo, assumindo os valores envolvidos nas relações, sem neutralizá-los (valores em ação).

CONCLUSÕES

Há uma lacuna existente de proposições práticas construcionistas no campo da OPC, como a revisão integrativa de literatura realizada demonstrou. Assim, visamos contribuir para o preenchimento desta lacuna de fundamentação das práticas construcionistas em OPC pela elaboração de uma proposta de diretrizes para práticas em OPC com base na síntese da literatura existente. Buscamos construir um quadro referencial, sem intenção de desenvolver um manual específico, mas estruturando denominadores comuns das perspectivas analisadas.

Discutido nossos problemas de pesquisa, podemos dizer, primeiramente, que as características centrais que definem uma prática construcionista em OPC são o relacional com foco na construção, desconstrução e reconstrução narrativa e identitária, ênfase na linguagem e na produção de significados, relações, ações e potencialidades, de maneira polivocal, dando voz a todas/os as/os

envolvidas/os na relação de construção do futuro da/o orientanda/o (a/o própria/o, a/o orientador/a, a sociedade e a comunidade de origem da/o orientanda/o). Em segundo lugar, a prática construcionista em OPC se diferencia da OPC tradicional definida, em geral, como diretiva, prescritiva e psicologizante, mais focada na pessoa, nas características individuais como base para a construção da vida e buscando a adaptação ao existente, por ser concebida como dialógica, processual e relacional. E, em terceiro lugar, tem potencialidade para conseguir enfrentar os desafios contemporâneos demandados para a OPC ao, diretamente, incorporar novas epistemes, ser uma perspectiva relacional, o que possibilita enfrentar a flexibilização do trabalho e contextualizar teorias/práticas, e buscar questionar criticamente a história e a narrativa dominante, o que permitiria diversificar o público atendido e incluir a transformação social nas práticas, colocando a justiça social como motor da OPC.

Avançamos um passo, mas há etapas a serem cumpridas e, como agenda de pesquisa futura, faz-se necessário colocar as diretrizes propostas em ação por meio de uma prática e avaliar sua efetividade e eficácia. Como principal limitação do estudo realizado, não consultamos todas as bases de dados e, principalmente, não pesquisamos livros, nos quais há muita produção teórica e prática significativa no campo das perspectivas construcionistas.

REFERÊNCIAS

- Acuna, J. T.** (2021). Desenvolvimento de autoconhecimento e projeto de vida na Orientação Vocacional: um relato de caso. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 91-104. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.518>
- Ambiel, R. A.** (2021). Taking a test is telling stories: A narrative approach to interest inventories. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 21(1), 33-46. <https://doi.org/10.1007/s10775-020-09426-3>
- Ambiel, R. A., Campos, M. I., & Campos, P. P. T. V. Z.** (2017). Análise da produção científica brasileira em orientação profissional: um convite a novos rumos. *Psico-USF*, 22, 133-145. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220112>
- Blustein, D., Schultheiss, D. P., & Flum, H.** (2004). Toward a relational perspective of the psychology of careers and working: A social constructionist analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 64(3), 423-440. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2003.12.008>
- Bock, S. D.** (2010). *Orientação profissional para classes pobres*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R.** (1983). *Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez.
- Campbell, C. & Ungar, M.** (2004a). Constructing a life that works: Part 1. *The Career Development Quarterly*, 53(1), 16-27. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.2004.tb00652.x>
- Campbell, C. & Ungar, M.** (2004b). Constructing a life that works: Part 2. *The Career Development Quarterly*, 53(1), 28-40. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.2004.tb00653.x>
- Chant, A.** (2020). Use of narratives and collage in the exploration of the self and the meaning of a career. *British Journal of Guidance & Counselling*, 48(1), 66-77. <https://doi.org/10.1080/03069885.2019.1667479>
- Constantine, M. G. & Erickson, C. D.** (1998). Examining social constructions in vocational counselling. *Counselling Psychology Quarterly*, 11(2), 189-199. <https://doi.org/10.1080/09515079808254054>

- Duffy, R. D., Blustein, D. L., Diemer, M. A., & Autin, K. L.** (2016). The Psychology of Working Theory. *Journal of Counseling Psychology*, 63(2), 127-148. <https://doi.org/10.1037/cou0000140>
- Fernandes, T. R. & Nascimento, V. A.** (2019). O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 6-19. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i64.495>
- Frabetti, K. C., Thomazelli, C., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F.** (2015). Práticas narrativas e orientação profissional. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24(53), 41-55. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/145>
- Gergen, K. J.** (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.40.3.266>
- Gergen, K. J.** (2020). Constructionist theory and the blossoming of practice. In S. McNamee, M. M. Gergen, M. Gergen, C. Camargo-Borges, & E. F. Rasera (Eds.), *The Sage handbook of social constructionist practice* (pp. 3-14). London: Sage.
- Gergen, K. J. & Warhuss, L.** (2001). Terapia como construção social. In M. M. Gonçalves & O. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa* (pp. 25-64). Coimbra: Quarteto.
- Grandesso, M.** (2011). “Dizendo olá novamente”: A presença de Michael White entre nós terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 99-118. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/208>
- Greene, J. C.** (1990). Three views on the nature and role of knowledge in social science. In E. G. Guba (Ed.), *The paradigm dialog* (pp. 227-245). London: Sage.
- Guichard, J.** (2022). From career guidance to designing lives acting for fair and sustainable development. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 22, 581-601. <https://doi.org/10.1007/s10775-022-09530-6>
- Guimarães, N. A., Brito, M., & Comin, A. A.** (2020). Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: Pode a expansão eludir as desigualdades? *Novos Estudos CEBRAP*, 39, 475-498. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030002>
- Hooley, T., Sultana, R. G., & Thomsen, R.** (2021). Five signposts to a socially just approach to career guidance. *Journal of the National Institute of Career Education and Counselling*, 47, 59-66. <https://doi.org/10.20856/jnicec.4709>
- International Association for Educational and Vocational Guidance.** (2001). *Educational and vocational guidance. Glossary*. Paris: Author.
- International Labour Organization [ILO].** (2023). *World employment and social outlook: Trends 2023*. Geneva: Author.
- Kaliris, A., & Issari, P.** (2022). Exploring narrative ideas in career counseling. *Open Journal of Social Sciences*, 10(2), 365-380. <https://doi.org/10.4236/jss.2022.102026>
- Kang, Z., Kim, H., & Trusty, J.** (2017). Constructivist and social constructionist career counseling: A Delphi study. *The Career Development Quarterly*, 65(1), 72-87. <https://doi.org/10.1002/cdq.12081>
- McIlveen, P. F., & Patton, W. A.** (2007). Narrative career counselling. *Australian Psychologist*, 42(3), 226-235. <https://doi.org/10.1080/00050060701405592>
- McIlveen, P., & Schultheiss, D. E.** (2012). (Eds.). *Social constructionism in vocational psychology and career development*. Boston, MA: Sense.
- McLeod, J.** (1999). A narrative social constructionist approach to therapeutic empathy. *Counselling Psychology Quarterly*, 12(4), 377-394. <https://doi.org/10.1080/09515079908254107>

- McMahon, M.** (2018). Narrative career counselling. *Australian Journal of Career Development*, 27(2), 57-64. <https://doi.org/10.1177/1038416218785537>
- McNamee, S.** (2010). Research as social construction. *Saúde e Transformação Social*, 1(1), 9-19.
- McNamee, S.** (2012). From social construction to relational construction: Practices from the edge. *Psychological Studies*, 57(2), 150-156. <https://doi.org/10.1007/s12646-011-0125-7>
- Medina, M.** (2004). El enfoque sistémico construcccionista: consideraciones sobre su aplicación en el contexto de orientación profesional. *Universitas Psychologica*, 3(1), 99-107. <https://www.redalyc.org/pdf/647/64730110.pdf>
- Rascován, S. E.** (2013). Orientación vocacional. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 10(25), 47-54. <http://remo.ws/remo-25/>
- Ribeiro, M. A.** (2013). Reflexiones epistemológicas para la orientación profesional en América Latina: una propuesta desde el Construcccionismo Social. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 10(24), 2-10. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/remo/v10n24/a02.pdf>
- Ribeiro, M. A.** (2018). Comprensiones híbridas y diálogo intercultural: dos principios básicos para la construcción de propuestas contextualizadas en orientación y asesoramiento para la carrera. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 15(34), 1-21. <https://doi.org/10.31206/rmdo032018>
- Richardson, M. S.** (2012a). Counseling for work and relationship. *The Counseling Psychologist*, 40(2), 190-242. <https://doi.org/10.1177/0011000011406452>
- Richardson, M. S.** (2012b). The ongoing social construction of the counseling for work and relationship perspective. *The Counseling Psychologist*, 40(2), 279-290. <https://doi.org/10.1177/0011000011430097>
- Savickas, M. L.** (2015). Career counseling paradigms: Guiding, developing, and designing. In P. J. Hartung, M. L. Savickas, & W. B. Walsh (Eds.), *APA handbook of career intervention, Vol. 1* (pp. 129-143). Washington, DC: American Psychological Association.
- Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J. P., Duarte, M. E., Guichard, J., ... van Vianen, A. E. M.** (2009). Life designing. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239-250. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2009.04.004>
- Souza, L. V., & Scorsolini-Comin, F.** (2011). Aconselhamento de carreira: uma apreciação construcionista social. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(1), 49-60. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v12n1/07.pdf>
- Stead, G. B., & Subich, L. M.** (2017). Career counselling practice. In G. B. Stead, & M. B. Watson (Eds.), *Career psychology in the South African context* (3rd ed., pp. 119-135). Pretoria: Van Schaik.
- Torres, H. C., Candido, N. A., Alexandre, R. S., & Pereira, F. L.** (2009). O processo de elaboração de cartilhas para orientação do autocuidado no programa educativo em Diabetes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(2), 312-316. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000200023>
- Whittemore, R., & Knafl, K.** (2005). The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52(5), 546-553. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>
- Young, R. A., & Collin, A.** (2004). Introduction: Constructivism and social constructionism in the career field. *Journal of Vocational Behavior*, 64, 373-388. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2003.12.005>

FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada pela bolsa de produtividade em pesquisa do primeiro autor (CNPq No. Processo 307050/2021-1).

MARCELO AFONSO RIBEIRO

Professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Brasil. Coordenador do Núcleo de Aconselhamento de Carreira e do LABOR (Laboratório de Estudos Sobre Trabalho e Orientação Profissional). Livre Docente em Psicologia do Trabalho e das Organizações pela Universidade de São Paulo.

<http://orcid.org/0000-0002-0396-7693>

E-mail: marcelopsi@usp.br

ANDRÉA KNABEM

Professora Titular da Universidade Federal do Paraná, Brasil. Membro do LABOR (Laboratório de Estudos Sobre Trabalho e Orientação Profissional) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Brasil. Pós-Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo.

<https://orcid.org/0000-0002-2581-8656>

E-mail: aknabem@usp.br

LUCIANA APARECIDA BELIOMINI

Membro do Núcleo de Aconselhamento de Carreira e do LABOR (Laboratório de Estudos Sobre Trabalho e Orientação Profissional) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Brasil. Mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo.

<https://orcid.org/0000-0002-7007-3614>

E-mail: luciana.beliomini@alumni.usp.br

MARIA CELESTE COUCEIRO GAMA DE ALMEIDA

Membro do Núcleo de Aconselhamento de Carreira e do LABOR (Laboratório de Estudos Sobre Trabalho e Orientação Profissional) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Brasil. Mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo.

<https://orcid.org/0000-0002-2980-5289>

E-mail: celestealmeida@alumni.usp.br